



ECOLOGIA LINGÜÍSTICA NO ECOSISTEMA CATALANÓFONO:

BREVE HISTÓRICO

Pere Comellas-Casanova (Universitat de Barcelona- Grup d'Estudi de Llengües Amenaçades)

Resumo: A ecolinguística emergiu na sociolinguística catalã bem cedo e experimentou um desenvolvimento considerável. O artigo reexamina brevemente a história desta esfera da linguística e as principais áreas de interesse que surgem dela. Essas áreas se baseiam em uma adaptação do modelo epistemológico da ecologia à sociolinguística, com a adoção de conceitos tais como *ecossistema* e *emergência*, com uma crítica das concepções mecânicas e analíticas, substituindo-as por uma perspectiva holística. Elas estão baseadas também na aceitação de algumas propostas da ecologia, como *conservação* e *diversofilia*. Por fim, outras áreas são mencionadas, como é o caso da analogia ecológica na análise de discurso.

Palavras-chave: Ecolinguística; ecossistema; diversidade; holismo.

Abstract: In Catalan sociolinguistics, ecolinguistics emerged early on and has recently undergone considerable development. The article briefly reexamines the history of this sphere of linguistics and the main areas of interest stemming from it. These areas are based on the adaptation of the epistemological model of ecology to sociolinguistics, with the adoption of concepts such as *ecosystem* or *emergency* and with a criticism of mechanical and analytical conceptions, being replaced by a holistic perspective. They are also based on the acceptance of certain proposals from ecology such as *conservation* and *diversophilia*. Finally, other areas are mentioned, such as ecological analogy in discourse analysis.

Keywords: Ecolinguistics; ecosystem; diversity; holism.

Resum (em catalão): L'orientació ecolingüística té en la sociolingüística en català una tradició ben primerenca i un desenvolupament recent notable. L'article repassa breument la tradició d'aquest enfocament i les principals línies actuals que la segueixen, basades tant en l'adaptació del model epistemològic de l'ecologia a la sociolingüística—amb l'adopció de conceptes com *ecossistema* o *emergència*, i amb la crítica a una concepció mecanicista i analítica, substituïda per un punt de vista holístic— com en l'assumpció de certes propostes de l'ecologisme com la *preservació* i la *diversofília*. Finalment, s'esmenten altres direccions, com ara l'analogia ecològica en l'anàlisi del discurs.

Paraules clau: Ecolingüística; ecossistema; diversitat; holisme.

1. Ecologia linguística e a tradição sociolinguística catalã

Se um dos princípios fundamentais do paradigma ecolinguístico é que “o pequeno é tão importante como o grande”,¹ como diz Alwin Fill (2002: 15), e que “a existência de entidades pequenas e grandes (neste caso, línguas) juntas garantem o intercâmbio dinâmico em um ambiente de diversidade”,² não é nada estranho que a sociolinguística catalã haja demonstrado interesse pelo tema. Fill afirma ainda que “se pode construir pontes entre as línguas sem destruir as diferenças”,³ o que convém bastante aos que vivem em uma dinâmica em que o contato linguístico é concebido frequentemente como um estado provisório que se resolve necessariamente com a homogeneização.

Além do mais, ecologia e sociolinguística têm intrinsicamente pontos em comum. Para Fill (2001: 45), “a linguística ecológica se opõe aos modelos estruturais, com os quais é possível investigar a língua em si mesma, não seu entorno”.⁴ Exatamente o mesmo se poderia dizer da sociolinguística. De fato, já no ano de 1993, Lluís Vicent Aracil, um dos pioneiros da sociologia da linguagem catalã, dizia: “Diversas pistas sugerem que a generalização do enfoque ecológico é, com efeito, uma importantíssima brecha epistemológica, aberta justamente quando a sociolinguística moderna tomava forma, vendo a língua a partir da sociedade, vale dizer, como parte de uma totalidade”.⁵ Afirmava também que estava “muito contente de haver trabalhado nesta linha que se relaciona com muitas pesquisas de vanguarda”⁶ (ARACIL, 1983: 177), ou seja, se situava de cheio neste enfoque. Fazia apenas onze anos que Haugen havia publicado *The ecology of language*, que se costuma considerar o texto fundador.

O fato é que parece que no âmbito linguístico catalão já tínhamos algum precedente ilustre neste sentido. Em uma monografia sobre o pensamento de Delfí Dalmau, Solé i Camardons (1998: 122) afirma que sua obra *Poliglotisme passiu* “pode ser considerada talvez como o primeiro ensaio em catalão com um enfoque sociolinguístico e ecoidiomático”.⁷ É claro que o termo “ecoidiomático” não é usado pelo próprio Dalmau, mas por Solé i Camardons (1998: 19) (“a ecoidiomática seria o ramo da sociolinguística que estuda as inter-relações dos falantes entre si e com seu meio ou contexto sociocultural”).⁸ Aqui, porém, nos concentraremos na trajetória recente da assim chamada *sociolinguística catalã*, na qual a relação entre linguística e ecologia se manifesta de modos bem diversos, como de fato se vê com muita frequência.

1 «Small is as important as large».

2 «Only the existence of small and large entities (in this case, languages) together guarantees a dynamic interchange within an environment of diversity».

3 «Between languages, bridges can be built without destroying differences».

4 «Ecological linguistics stands in contrast to structural models with which only a language itself, not its environment, can be investigated».

5 «Diverses pistes suggereixen que la generalització de l'enfocament ecològic és, en efecte, una importantíssima bretxa epistemològica, oberta justament quan prenía forma la sociolinguística moderna, que veu la llengua dins de la societat —és a dir: com a part d'una totalitat».

6 «Molt content d'haver treballat en aquesta línia, que enllaça amb moltes recerques d'avantguarda».

7 «Es pot considerar potser el primer assaig en català, amb un enfocament sociolinguístic i ecoidiomàtic».

8 «L'ecoidiomàtica seria la branca de la sociolinguística que estudia les interrelacions dels parlants entre ells i amb llur medi o context sociocultural».

Na verdade, não é nada fácil definir exatamente o que é a ecologia linguística ou ecolinguística, que, além disso, apresenta ramificações bastante divergentes (JUNYENT, 1998; FILL, 2001; PENNYCOOK, 2004; COUTO, 2007; COMAJUAN, 2009). Correndo o risco de simplificar demais, pensamos que no âmbito catalão a ecolinguística se constitui, por um lado, mediante a integração na linguística de algumas premissas epistemológicas e conceptualizações da ecologia (ecossistema, emergência, processo) e, por outro lado, mediante a adoção de alguns dos valores do ecologismo (diversificação, sustentabilidade, equilíbrio). No entanto, como assinala Pennycook (2004: 217), há ainda uma outra maneira de entender a ecologia linguística:

[...] cabe fazer uma distinção básica entre o uso da ecologia como metáfora e a referência a ecologias reais. Assim, podemos, por um lado, falar metaforicamente de línguas que têm relação ecológica uma com a outra e, por outro lado, pode interessar a maneira pela qual certas línguas descrevem o meio ambiente.⁹

Este ramo tem diversas ramificações: estudo de como língua e meio se configuram mutuamente; estudo do papel da categorização linguística na degradação do meio ambiente etc. Nós os agruparemos na última seção.

2. O modelo ecológico como referência epistemológica

No ano de 1989, M. Carme Junyent publica *Les llengües del món: Ecolinguística (As línguas do mundo: ecolinguística)*. O objetivo da autora era oferecer uma visão panorâmica da diversidade linguística mundial, inserida em parâmetros contextuais que punham em questão conceitos fundamentais da linguística como, por exemplo, o de *língua*. Junyent não parte da situação catalã concreta. Ao contrário, ela pretende situar a diversidade linguística em seu ecossistema (território, comunidade, cultura) de uma perspectiva global. Para isso precisa de um ponto de vista integrador apropriado ao que adota a ecologia: "Não sei se a ecologia humana poderia incluir 'uma' ecolinguística. [...] eu apenas quis criar uma forma analógica que correspondesse ao objeto daquele trabalho: falar das relações das línguas com outras línguas e com o entorno"¹⁰ (JUNYENT, 1989: 13-14).

Junyent se situa no primeiro dos princípios do enfoque ecológico, a contextualização dinâmica, uma vez que sua intenção é usar a ecologia como referência analógica. Em um livro posterior ela desenvolve um pouco mais sua proposta.

Uma vez que entendemos a ecolinguística como uma parte da ecologia cultural, é importante remetermo-nos à concepção dinâmica de cultura, inclusive a linguagem, que Frake propõe. De acordo com sua proposta, a

9 «There is a basic distinction to be made between the use of ecology as a metaphor and the reference to real ecologies. Thus, on the one hand, we may talk metaphorically about languages being in an ecological relationship with each other, while on the other we may be interested in how certain languages describe the natural environment».

10 «No sé si l'ecologia humana podria incloure "una" ecolinguística. [...] només he volgut crear una forma analògica que respongués a l'objecte d'aquest treball: parlar de les relacions de les llengües amb altres llengües i amb l'entorn».

linguagem constitui uma parte inseparável da rede de relações entre o homem, os outros organismos de sua comunidade e os constituintes de seu entorno físico (o sistema ecológico): por um lado, é o instrumento mais importante das relações interpessoais e, por outro, proporciona um modelo de referência para o entorno em que vive a comunidade¹¹ (JUNYENT, 1998: 127).

A diversidade linguística, portanto, seria então uma resposta adaptativa à diversidade de ecossistemas e, ao mesmo tempo, um ator relevante na conformação desses ecossistemas. O entorno é entendido como algo fundamentalmente dinâmico e a mudança (e, portanto, a diversificação) se mostra aí como uma força intrínseca. Para Junyent (1998: 128), a concepção dinâmica nos fornece "uma indicação sobre onde *deveriam* ir as propostas de planejamento linguístico: após suprimir a influência dos elementos estáticos (desde o estado à própria visão atomística da vida das línguas etc.) que abafam a função criadora do entorno das línguas".¹² Junyent centra boa parte de seus esforços não tanto na teorização como na transferência de conhecimento e no ativismo centrado na defesa da diversidade linguística, ou seja, no ecologismo linguístico, de que falaremos na próxima seção.

No entanto, quem trabalhou mais detalhadamente com uma teoria ecolinguística é sem dúvida Albert Bastardas, que dirige sua reflexão explicitamente na direção de um contexto epistemológico coerente para o desenvolvimento de uma sociolinguística crítica fundamentada em pressupostos da ecologia. Bastardas entende o enfoque ecolinguístico como consequência de uma mudança de paradigma mais global: crítica ao pensamento científico tradicional de cunho cartesiano (analítico, dicotômico, mecanicista) e a adoção de um marco teórico sintético, inclusivo e holístico. Muito mais do que as fontes classificadas como *ecolinguísticas*, a obra de Bastardas remete à teoria da complexidade e ao pensamento sistêmico. Assim, no ano de 1996 ele publica *Ecologia de les llengües*, livro em que muitas páginas são dedicadas à questão epistemológica, citando desde físicos como David Bohm e Fritjof Capra até pensadores como Edgar Morin, Gregory Bateson e Norbert Elias. Uma das principais ideias que manterá ao longo dos anos em trabalhos de diferentes índoles é a necessidade de ter sempre presente que “as diversas ordens e fenômenos da realidade configuram uma totalidade inter-relacionada, de modo que não existam interinfluências circulares entre variáveis, mas um conjunto de interações dinâmicas que formam a realidade de modo impenetrável”¹³ (BASTARDAS 1996: 22).

11 «Atès que entenem l'ecolinguística com una part de l'ecologia cultural, serà bo que ens remetem a la concepció dinàmica de la cultura —el llenguatge inclòs— que proposa Frake, segons la qual el llenguatge forma una part indestriable de la xarxa de relacions entre persones d'una comunitat (el sistema social) i de la xarxa de relacions entre l'home, els altres organismes de la seva comunitat i els constituents del seu entorn físic (el sistema ecològic): d'una banda és l'instrument més important de les relacions interpersonals i de l'altra proporciona un model de referència per a l'entorn on viu la comunitat».

12 «Una indicació de cap on haurien d'anar les propostes de planificació lingüística: cap a suprimir la influència d'aquells elements estàtics (des de l'estat a la mateixa visió atomística de la vida de les llengües, etc.) que ofeguen la funció creadora de l'entorn de les llengües».

13 «els distints ordres i fenòmens de la realitat configuren una totalitat interrelacionada, de manera que no existeixen només interinfluències circulars entre dues variables, sinó un conjunt d'interaccions dinàmiques que formen impenetrablement la realitat»

Para compreender uma situação complexa, não podemos decompô-la porque, ao fazê-lo, a desintegramos e suprimimos suas qualidades que emergem como um todo que não está presente fragmentariamente nas partes:

O enfoque ecológico porá ênfase no todo por cima das partes e nos fará tomar consciência clara da inter-relação dos fenômenos da realidade e da centralidade dessas interdependências no interior do ecossistema por cima dos próprios organismos, uma vez que na visão sistêmica -- que fundamenta a perspectiva ecológica -- os objetivos são prioritariamente redes de relações imersas em redes maiores¹⁴ (BASTARDAS, 2004: 18).

A metáfora do mundo-máquina é substituída pela do mundo-organismo vivo, e se tenta substituir a noção de estrutura pela de processo (as línguas não são objetos, mas atividades. Para Bastardas, em vez de língua deveríamos dizer *linguar*). Nesse modelo, as relações não são lineares, de causa-efeito, de modo que temos que conceber a realidade "a partir de uma ordem *implicada* de acordo com a metáfora holográfica 'o todo está dentro de tudo'. Assim, como no holograma, podemos conceber modelos em que cada uma de suas partes contenha informação sobre todo o objeto"¹⁵ (BASTARDAS, 1996: 31). Pois bem, sem perder a perspectiva holística, continua sendo-nos útil compartimentar a realidade, não em partes entendidas como fragmentos isolados, mas em planos intercomunicados ou concêntricos: a biosfera, a sociosfera, a psicofera, a noosfera... Os fenômenos sociais e linguísticos são altamente complexos a fim de participar de todos esses planos ao mesmo tempo. Isso complica também a problemática do observador: "Se a física deve levar o cérebro/mente em consideração, como podemos prescindir dele nas ciências do comportamento social e cultural, em que a mente intervém duplamente -- no indivíduo que investiga e nos indivíduos investigados?"¹⁶ (BASTARDAS, 1996: 28). Todas essas noções podem ser muito úteis para o estudo da linguagem. Ora bem, Bastardas acentua também que é importante não perder de vista os limites da metáfora ecológica: as línguas não são seres vivos, nem espécies. As relações e os processos que a sociolinguística estuda implicam indivíduos autônomos e conscientes. Os humanos operamos com significados. É por isso que, da perspectiva ecolinguística de Bastardas, as representações são fundamentais: "cabe não esquecer que, no plano dos comportamentos linguísticos, a manutenção das variedades linguísticas está em função, em primeira instância, dos usos que deles fazem os falantes. Esses usos se apresentam

14 «L'enfocament ecològic posarà l'accent en el tot per damunt de les parts, i ens farà prendre consciència clara de la interrelació dels fenòmens de la realitat i de la centralitat d'aquestes interdependències a l'interior de l'ecosistema per damunt dels mateixos organismes, ja que en la visió sistèmica —que fonamenta la perspectiva ecològica— els objectes són prioritàriament xarxes de relacions immerses en xarxes més grans».

15 «Des d'un ordre implicat a partir de la metàfora hologràfica "tot està plegat dins de tot". Així, com en l'holograma, podem concebre models en què cada una de les seves parts conté informació respecte de tot l'objecte».

16 «Si la física ha de prendre en consideració el cervell/ment, com en podem prescindir en els ciències del comportament social i cultural, on la ment intervé doblement —en l'individu que investiga i en els individus investigats?».

como convenções sociais que vão sendo adotadas no âmbito de uma determinada situação social, política e econômica e de determinadas representações cognitivas que racionalizam, 'explicam' e justificam as decisões comportamentais adotadas"¹⁷ (BASTARDAS, 2004: 29).

A perspectiva sistêmica leva Bastardas a centrar suas propostas de planejamento na distribuição de funções. A globalização generalizou um problema que até há pouco se pensava no âmbito intraestatal: a aparente contradição entre comunicação geral e preservação da diversidade linguística. Uma contradição, no entanto, que "radica, talvez, mais em nossa configuração da realidade do que na própria realidade. A dificuldade é de pensamento e de mudança conceitual, mais do que de impossibilidade de realização"¹⁸ (BASTARDAS, 2002: 4). Partindo do modelo de diglossia clássica (uma das configurações que parece tornar compatíveis os objetivos de intercomunicação e de preservação), propõe-se transladar ao âmbito do planejamento linguístico o princípio jurídico de subsidiariedade:

Tudo aquilo que uma língua 'local' puder fazer não deverá fazê-lo uma língua 'global'. Quer dizer, deveríamos permitir -- e impulsionar -- o conhecimento efetivo geral de outras línguas, mas reconhecendo sempre que devemos dar preeminência funcional à língua de cada grupo linguístico historicamente constituído¹⁹ (BASTARDAS, 2002: 8).

Bastardas sugere, portanto, promover uma mudança representacional a partir das instâncias político-administrativas segundo um modelo descentralizador que teoricamente já se aplica em entidades políticas como a União Europeia: "os poderes públicos deverão difundir uma ideologia claramente favorável à diversidade e à igualdade linguísticas, dando força à autodignidade dos grupos menos favorecidos e se opondo a representações populares tão difundidas como a 'ideologia do padrão' ou fenômenos como a autopercepção subordinada a 'grupos ou línguas de referência' exteriores, considerados como modelos aos quais se assimilar"²⁰ (BASTARDAS, 1997).

3. Ecologismo linguístico

17 «Cal no oblidar que, en el pla dels comportaments lingüístics, el manteniment de les varietats lingüístiques està en funció, en primera instància, dels usos que en facin els parlants. I aquests usos es presenten en tant que convencions socials que van essent adoptades en el marc d'una determinada situació social, política i econòmica i d'unes determinades representacions cognitives que racionalitzen, "expliquen" i justifiquen les decisions comportamentals adoptades».

18 «Rau, potser, més en la nostra configuració de la realitat que no pas en la realitat mateixa. La dificultat és de pensament i de canvi conceptual més que no pas d'impossibilitat de realització».

19 «Tot allò que pugui fer una llengua "local" no ho ha de fer una llengua més "global". És a dir, permetriem —i impulsariem— el coneixement efectiu i massiu d'altres llengües, però atorgant sempre que es pogués la preeminència funcional a la llengua de cada grup lingüístic històricament constituït».

20 «Els poders públics planetaris han de difondre una ideologia favorable clarament a la diversitat i a la igualtat lingüístiques, tot impulsant l'autodignitat dels grups menys afavorits i contrarestant representacions populars tan esteses com la "ideologia de l'estàndard" o fenòmens com l'autopercepció subordinada a "grups o llengües de referència" exteriors considerats com a models per assimilar-s'hi».

De fato, a preocupação generalizada com o futuro do catalão poderia ser considerada um sintoma de tendências conservacionistas no âmbito da língua juntamente com as ideias do ecologismo sobre o mundo natural. Nesse sentido, quase toda a sociolinguística catalã é ecologista. No entanto, nem todo mundo apoia o objetivo de preservar a língua em termos explicitamente ecológicos. Talvez se pudesse enfatizar a aplicação da ideia de sustentabilidade no âmbito linguístico (BASTARDAS, 2005). Muitos outros autores têm feito menção mais ou menos esporádica a isso, como Marí (2006: 27): "O que vem em primeiro lugar para cada cultura em seu espaço histórico é a condição da diversidade equitativa. Mas, não se trata tão somente de garantir a sobrevivência de cada 'espécie' cultural -- se queremos manter a referência à sustentabilidade ecológica das línguas e culturas --, mas de estabelecer um contexto intercultural equitativo que lhe assegure a sustentabilidade (um 'ecossistema' sustentável para a diversidade cultural)".²¹

Talvez a ideia mais fundamental seja a defesa da diversidade linguística. Nesse sentido, destacam as contribuições de M. Carme Junyent, sobretudo no âmbito do ensino, centradas no reconhecimento, na visualização e na valorização da diversidade (em escala global e local) e em uma desconfiança crítica nos mecanismos do planejamento baseados no poder do estado ("o estado, especialmente em sua concepção atual, tem sido a força que mais contribuiu para a homogeneização linguística"²² (1998: 67)). Segundo Junyent (1992: 10), "o futuro do catalão não pode ser desligado do futuro de todas as línguas, muito especialmente de todas as ameaçadas. A preservação do patrimônio linguístico deve ser global para que seja plausível".²³ É preciso forjar-se uma nova ordem linguística que supere o binômio um estado - uma língua.

Nesta mesma linha diversófila trabalha Jesús Tusón, igualmente com um claro objetivo de divulgação (especialmente TUSÓN, 2004), ou Comellas (2006). Também trabalhos como *Projecte ecolingüística*, de Bernat Joan, nesse caso orientado para as políticas europeias (Joan explora o paralelismo de línguas ameaçadas e espécies em perigo de extinção). É preciso lembrar que o ecologismo linguístico na vertente da ação cívica tem um longo percurso no âmbito catalão, como demonstram instituições como Ciemen (Centro Internacional Escarré para as Minorias Étnicas e Nacionais: <www.ciemen.cat>) ou Linguapax, uma organização com múltiplos contatos internacionais e uma intensa atividade em favor da diversidade linguística, a revitalização e a divulgação, com um ideário básico: o respeito à diversidade está estreitamente vinculado à paz (<www.linguapax.org>). Também no âmbito acadêmico instituições como a Càtedra UNESCO de Llengües i Educació (dirigida por Joan A. Argenter), a Càtedra de Multilingüisme Linguamón-UOC (dirigida por Isidor Marí) ou o Grup d'Estudis de

21 «La primacia de cada cultura en el seu espai històric és la condició de la diversitat equitativa. Però no es tracta tan sols de garantir la pervivència de cada "espècie" cultural —si volem mantenir la referència a la sostenibilitat ecològica de les llengües i cultures—, sinó d'establir un marc intercultural equitatiu que n'asseguri la sostenibilitat (un "ecosistema" sostenible per a la diversitat cultural)».

22 «L'estat, especialment en la seva concepció actual, ha estat la força que més ha jugat a favor de l'homogeneïtzació lingüística».

23 «El futur del català no es pot deslligar del futur de totes les llengües i molt especialment de totes les amenaçades. La preservació del patrimoni lingüístic ha de ser global perquè sigui plausible».

Llengües Amenaçades (GELA) (dirigido por M. Carme Junyent) concentram sua pesquisa sobre a diversidade.

4. Ecologia e discurso

No ano de 1982 Gabriel Janer Manila publica *Cultura popular i ecologia del llenguatge*. Nesse caso, a concepção ecológica parte da antropologia, mais que da sociolinguística: as línguas e as culturas são conformadas em um ecossistema, graças a uma estreita relação material e afetiva com ele, e cada comunidade vai conformando e transmitindo essa língua que alberga os conhecimentos e os sentimentos que permitem a plena maturação do indivíduo e da própria comunidade. Pois bem, a gestão contemporânea degrada o meio e, portanto, também as línguas, que não deixam de ser parte desse meio. Assim, "à degradação sistemática e persistente da língua gostaria de opor a alternativa ecológica"²⁴ (JANER, 1982: 14), que é "uma alternativa didática que gosto de qualificar como depuradora e recuperadora"²⁵ (JANER, 1982: 15). A colonização cultural, entendida como um elemento contaminador (equivalente à poluição da água ou do ar), empobrece os recursos expressivos, e "a pobreza expressiva é também consequência de um pensamento criativo medíocre e raquítico"²⁶ (JANER, 1982: 16). Trata-se de uma tendência ecolinguística que segundo Fill (2001) é considerada por certos autores como uma nova forma de purismo linguístico.

Também de cunho mais antropológico é o trabalho de Ricard Morant i Miquel Peñarroya, *Llenguatge i cultura: Per a una ecologia lingüística*. Nesse caso estudam-se mudanças culturais relacionadas com o meio que vivenciou a comunidade catalanofalante (fundamentalmente, neste caso, o País Valencià), mediante as mudanças linguísticas. No entanto, aqui não há valorações de degradação, contaminação ou decadência (nem o contrário) da língua, mas constatação da coevolução de todos os elementos de um ecossistema e ao mesmo tempo de uma certa autonomia dos subsistemas (a língua contém anacronismos, por exemplo).

Finalmente, a partir da análise do discurso, Antoni Artigues i Rosa Calafat utilizam a metáfora ecológica para ilustrar um processo de aniquilação consciente do espaço cultural e linguístico catalão mediante métodos de aculturação que se equiparam à destruição dos ecossistemas naturais: "Assim como sabemos que as espécies animais e vegetais precisam de um ecossistema determinado para sobreviver, sabemos também que, no mundo atual, o ecossistema das línguas é a nação soberana"²⁷ (ARTIGUES I CALAFAT, 1998: 85). No entanto, essa proposta entende que a preservação da diversidade passa por um certo isolacionismo e considera que o estado é o único ecossistema que pode garantir a sobrevivência de uma língua: "Na Europa do século XX as normalizações bem-sucedidas

24 «A la degradació sistemàtica i persistent de la llengua voldria oposar-hi l'alternativa ecològica».

25 «Una alternativa didàctica que he gosat qualificar de depuradora i de recuperadora».

26 «La pobresa expressiva és també la conseqüència d'un pensament creatiu mediocre i raquíctic».

27 «Així com sabem que les espècies animals i vegetals necessiten un ecosistema determinat per sobreviure, sabem també que, en el món actual, l'ecosistema de les llengües és la nació sobirana».

têm sido consequência direta de um processo de independência [...]. Uma língua minorizada se recupera quando se deixa de lado o bilinguismo e se tende ao monolinguismo. O monolinguismo oficial permite que a língua continue necessária para viver em um país determinado"²⁸ (ARTIGUES I CALAFAT, 1998: 83).

5. O país das trezentas línguas

No ano 2005 o GELA (Grupo de Estudo de Línguas Ameaçadas) da Universidade de Barcelona organizou uma exposição intitulada «As línguas da Catalunha». Baseada num trabalho de campo extenso, apresentava o levantamento das línguas que nessa altura tinham falantes na Catalunha (não abrangia o resto de territórios onde também se fala catalão). Foi a onda de imigração internacional, que a partir do ano 2000 cresceu exponencialmente, o que impulsionou o interesse geral pela diversidade linguística, um interesse que o GELA, dirigido por M. Carme Junyent, tentara difundir desde seus inícios. A exposição marcou um certo ponto de inflexão na opinião pública sobre a situação linguística catalã, instalada até então num imaginário de bilinguismo que era claramente simplificador e muito dependente da oficialidade, como se a realidade linguística fosse só aquilo que é reconhecido pelo estado.

Até hoje, o GELA inventariou mais de trezentas línguas na Catalunha. Evidentemente, a maior parte delas contam só com falantes esparsos, mas também há comunidades linguísticas que têm dezenas de milhares, como o tamazigue, o árabe marroquino, o romeno, o galego ou o russo. Algo mais de um 10% da população catalã atual não tem como língua inicial nem o catalão nem o espanhol. Essa complexidade perfila um ecossistema linguístico que exige uma perspectiva ecológica. Paradoxalmente, ao mesmo tempo as adesões explícitas a um quadro teórico explicitamente chamado de ecolinguista não foram frequentes na última década. É claro que autores como Albert Bastardas (que seguiu trabalhando com a perspectiva da teoria da complexidade e portanto num quadro ecossistêmico) ou M. Carme Junyent (mais virada para o ecologismo linguístico e o ativismo pro-diversidade) continuaram sua linha de pesquisa. Mas em geral na sociologia da linguagem, a antropologia linguística e a sociolinguística catalã não se falou muito em ecolinguística. Na minha opinião, aconteceu até certo ponto como com o ecologismo meioambiental: alguns dos seus postulados simplesmente foram integrados no ponto de vista dos pesquisadores, que apesar de não declarar uma filiação ecolinguística, trabalham com muitas de suas bases: a ideia de que o método analítico não é explicativo para os fenômenos sociolinguísticos ou o ideograma da diversidade como fator de estabilidade. Até certo ponto, o quadro mental ecológico tornou-se quase um lugar comum. Será que se trata só de uma moda que exalta a diversidade e a diferença só superficialmente ou realmente houve uma mudança de mentalidade de fundo? Só o tempo o dirá.

28 «A l'Europa del segle XX les normalitzacions reeixides han estat conseqüència directa d'un procés d'independència [...] Una llengua minoritzada es recupera quan es deixa de banda el bilingüisme i hom es decanta cap al monolingüisme. El monolingüisme oficial permet que la llengua sigui necessària per a viure en un país determinat».

Referências

- ARACIL, Lluís Vicent. *Dir la realitat*. Barcelona: Països Catalans, 1983.
- ARTIGUES, Antoni; CALAFAT, Rosa. *Ecologia lingüística (per la vida de l'ecosistema català)*. Barcelona: La Busca, 1998.
- BASTARDAS, Albert. Llengua catalana i futur: notes des d'una perspectiva eco-sistèmica. *Revista de Llengua i Dret*, núm. 19, 1993, p. 81-93.
- _____. *Ecologia de les llengües: Medi, contactes i dinàmica sociolingüística*. Barcelona: Proa, 1996.
- _____. Contextos i representacions en els contactes lingüístics per decisió política: substitució *versus* diglòssia des de la perspectiva de la planetarització. *DiversCité Langues*, n II, 1997. Disponible em:
http://www.telug.quebec.ca/diverscite/SecArtic/Arts/97/0997ab0/esp/0997ab0e_ftxt.htm (acesso: 27/08/2009).
- _____. Política lingüística mundial a l'era de la globalització: diversitat i intercomunicació des de la perspectiva de la "complexitat". *Noves SL* 2002 (verão). Disponible em: <http://www.gencat.cat/llengua/noves> (acesso: 27/08/2009).
- _____. Diversitat biològica i diversitat lingüística: algunes pistes transdisciplinàries per a una socioecologia de les llengües. In: BASTARDAS, Albert (org.). *Diversitats: Llengües, espècies i ecologies*. Barcelona: Empúries, 2004.
- _____. *Cap a una sostenibilitat lingüística*. Barcelona: Centre d'Estudis de Temes Contemporanis: Angle, 2005.
- COMAJOAN, Llorenç. Què és l'ecolingüística i per a què serveix?. *Revista d'Igualada*, n. 31, 2009.
- COMELLAS, Pere. *Contra l'imperialisme lingüístic: A favor de la linguodiversitat*. Barcelona: La Campana, 2006.
- _____. Ecologia lingüística. *Treballs de Sociolingüística Catalana*, n. 21, 2011. p. 65-72.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolingüística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- FILL, Alwin. Ecolinguistics: state of the art 1998. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (orgs.). *The ecolinguistics reader: Language, ecology and environment*. Londres: Continuum, 2001, p. 43-53.
- _____. Tensional arches: language and ecology. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm (orgs.). *Colourful Green Ideas*. Berna: Peter Lang, 2002, p. 15-27.
- JANER MANILA, Gabriel. *Cultura popular i ecologia del llenguatge*. Barcelona: CEAC, 1982.
- JUNYENT, Maria Carme. *Les llengües del món: Ecolingüística*. Barcelona: Empúries, 1989.
- _____. *Vida i mort de les llengües*. Barcelona: Empúries, 1992.
- _____. *Contra la planificació: Una proposta ecolingüística*. Barcelona: Empúries, 1998.
- MARÍ, Isidor. Un projecte intercultural compartible per tothom. In: *Mundialització, interculturalitat i multilingüisme*. Palma: Lleonard Muntaner, 2006, p. 21-32.
- PENNYCOOK, Alastair. Language policy and the ecological turn. *Language Policy*, vol. 3, n. 3, 2004, p. 213-239.

ECO - REBEL

QUEROL, Ernest. Les catastrophes sont-elles écologiques? Un nouveau modèle pour l'étude de l'écologie des langues. In: BOUDREAU, Annette *et al.* *Colloque international sur l'écologie des langues*. Paris: L'Harmattan, 2003, p. 13-31.

SOLÉ I CAMARDONS, Jordi. *Poliglotisme i raó: El discurs ecoidiomàtic de Delfí Dalmau*. Lleida: Pagès, 1998.

TUSÓN, Jesús. *Patrimoni natural: Elogi i defensa de la diversitat lingüística*. Barcelona: Empúries, 2004.

Aceito: 20/01/2019.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.